



Fernando Mencarelli, **A cena aberta. A absolvição de um Bilontra e o teatro de revista de Arthur Azevedo**. Campinas, Ed. da Unicamp, 1999.

### **Bilontra na história**

Arthur Azevedo em Cena Aberta

*por Regina Horta Duarte*

Em 29 de janeiro de 1886, a estréia de *O Bilontra*, de autoria de Arthur Azevedo, marcou o início de um novo período na história do teatro no Brasil, com a ascensão do gênero do teatro de revista. O sucesso foi estrondoso e nove meses depois comemorou-se a centésima apresentação, numa época em que espetáculos de bom êxito eram apresentados dez ou quinze vezes.

O tema da peça inspirou-se em um curioso acontecimento noticiado pela imprensa carioca: um rico comerciante português recebeu proposta, por parte de um caixeiro, de comprar um título de baronato através de um suborno de três contos de réis. Ao descobrir o engodo e a falsidade do decreto imperial que lhe concedia o almejado título, entrou com processo na Justiça acusando o caixeiro de crime de estelionato. A contenda iniciara-se em outubro de 1884 e ainda não havia sido decidida na época da estréia da revista de Azevedo. Na verdade, o encerramento do processo deu-se em setembro de 1886, no mesmo mês em que ocorreu a centésima apresentação.

É nesse interstício entre teatro e sociedade que Fernando Antônio Mencarelli, professor do Teatro Universitário da UFMG, instaura uma série de profícuas indagações que originaram sua tese de mestrado, agora acessível ao público com o lançamento, pela Editora da UNICAMP, de *Cena Aberta: a absolvição de um bilontra e o teatro de revista de Arthur Azevedo*. Obra escrita a partir de um consistente amadurecimento intelectual, afasta-se entretanto de um estilo pesadamente acadêmico, cativando o leitor a partir de sua simplicidade e de seu fino senso de humor, na promessa de levar suas reflexões a um público mais amplo, interessado no tema da cultura e suas manifestações.

Distanciando-se das tradicionais análises sobre o teatro que privilegiam apenas o texto escrito, o autor instaura como básica a questão das suas relações com a sociedade, criticando as visões deterministas nas quais as artes cênicas refletiriam a sociedade ou seriam por ela determinadas. Mencarelli faz do exemplo de *O Bilontra* um fato histórico privilegiado na discussão do teatro como espaço de práticas sociais transformadoras. Afinal, se essa revista de ano inspirou-se em acontecimentos alardeados pela imprensa e objetos do riso de toda a sociedade carioca, sua estréia deu-se em um momento em que o processo não havia sido encerrado. Mobilizando o riso em torno daqueles eventos, Azevedo coloca em cena a personagem Faustino e, longe das preocupações moralizadoras do teatro de tese oitocentista, conduz a história à absolvição do bilontra, dando ainda um tratamento ambíguo à condenação da ociosidade e à valorização do trabalho. Ao longo dos meses entre a estréia do espetáculo e a decisão do processo, um debate permeado pelo riso entrelaçou os espaços do teatro, do tribunal e da imprensa. O advogado de defesa do réu apropriou-se do sucesso de *O Bilontra*, aludindo à aprovação do público como um pré julgamento popular, no qual se aplaudia o desfecho final de absolvição do acusado. Com a vitória da defesa, Arthur Azevedo publicou críticas severas ao júri popular que teria inocentado o réu "simplesmente pelo fato de lhe ter achado graça". (citado por MENCARELLI, p. 18).

Ao destacar esses acontecimentos, Fernando Mencarelli explicita sua hipótese básica: a de que a receptividade do público ao gênero da Revista, tradicionalmente desprezado pelos estudiosos dos teatro, pode ser compreendida por ser ela um raro espaço de manifestação pública a permitir "a convergência de leituras, interpretações e representações diversas da sociedade no mesmo palco." (p.36). A revista possuía um grande potencial polissêmico, constituía-se em um caleidoscópio de

fragmentadas e distintas leituras. Em tempos de profundas transformações sociais, como a forte urbanização e as formas primeiras de massificação da cultura, surgia um público novo, variegado, com experiências díspares e múltiplas visões de mundo. Este público possuía em comum, como nos mostra o autor, muito mais uma experiência de vida urbana que um perfil social definido.

Dividido entre acusações recebidas pela intelectualidade da época e entre seu fino talento para o teatro ligeiro, com suas heranças populares do teatro de feira, Arthur Azevedo captou a emergência de novos padrões culturais, em sintonia com a sociedade urbana moderna e com a cultura de massas. Contrariando a visão, tantas vezes defendida, deste período como o de um “vazio cultural” na história do teatro no Brasil, emerge aqui a percepção de um momento vigoroso em que se destacam “a permanência e o desenvolvimento de uma tradição cômica, o envolvimento com a produção musical popular e a constituição de um incipiente mercado cultural de massas”. (p. 61)

Nesse ponto da análise, inúmeros outros atores sociais invadem a cena, reforçando o caráter polissêmico da Revista. Mencarelli alerta seu leitor para o importante fato que o teatro é mais que o texto, mais que a crítica a ele dirigida, mais que o julgamento do próprio autor. A Revista é feita por muitos, em espirais de interpretações: músicos, cenógrafos, atores (profissionais muitas vezes de origem pobre), platéias formadas predominantemente por camadas médias da população. Encontramos em *Cena Aberta* uma abordagem arguta acerca do teatro: muito mais que texto, é um acontecimento cultural no qual a criação não pode ser subestimada.

Ao guiar-se por esse pressuposto, o historiador tem diante de si uma série de caminhos abertos pela consideração das leituras possíveis de um mesmo espetáculo. Paradoxalmente, tal descoberta o afasta da pretensão de uma visão mais completa, pois percebe a inacessibilidade do que constitui o essencial do teatro, a saber, o momento da apresentação, a emoção vivida, os sons, os gestos, o tempo único de cada espetáculo que só o espectador presenciou. Explicita-se aqui o teatro enquanto acontecimento, emergência, vir a ser em uma performance irrepetível, instante intensamente vivido. Todos os atores contam acerca da emoção de cada espetáculo, ainda que uma mesma peça seja encenada inúmeras vezes. Mais que ocorrer em um tempo dado, o teatro se faz amalgamado ao tempo, à medida que é criação absoluta, repetição que se instaura na diferença.

Descortinando uma gama de possibilidades de reflexão sobre o teatro, *Cena Aberta* traz uma leitura inovadora e instigante acerca de um espetáculo de revista da autoria de um grande mestre do teatro brasileiro, com desdobramentos para o debate da cultura de massas e da dinâmica social das manifestações culturais. Mas já no título da obra, Fernando Mencarelli lega um desafio aos seus leitores: o de serem, a partir dos veios abertos por sua abordagem, criadores de interpretações originais e de novas perspectivas acerca da história das artes cênicas.

---

Regina Horta Duarte  
Professora do Dep. de História / FAFICH / UFMG.  
autora de *Noites Circenses – espetáculos de circo e teatro em  
Minas no século XIX*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.  
\* Publicado no Estado de Minas, sábado, 13/05/2000